

A HISTÓRIA SERIAL E HISTÓRIA QUANTITATIVA NO MOVIMENTO DOS ANNALES

*José D'Assunção Barros**
jose.d.assun@globomail.com

RESUMO: Este artigo visa examinar as especificidades dos modelos historiográficos quantitativo e serial, bem como sua interação, durante as duas primeiras fases do movimento dos Annales. A distinção entre o serial e o quantitativo, bem como uma reflexão sobre os perigos e dilemas da história quantitativa e da história serial serão os objetivos deste artigo. Considerações sobre as interações entre a história serial e modalidades historiográficas como a História Econômica e a História das Mentalidades também serão contempladas.

PALAVRAS-CHAVE: Annales, História Serial, História Quantitativa

O QUANTITATIVISMO-SERIAL NAS PRIMEIRAS GERAÇÕES DOS ANNALES

A História Quantitativa e a História Serial – e a oportuna combinação destas duas modalidades, que em um primeiro momento se apresentaram juntas na história da historiografia europeia – constituem um capítulo particularmente importante na história do movimento dos Annales, e na história da historiografia como um todo. Um nome importante para a constituição destes importantes campos historiográficos, e para a sua conexão com a História Econômica, foi certamente o historiador Ernest Labrousse, que cedo se ligou ao célebre movimento historiográfico que ficou conhecido como Escola dos Annales. Foi a partir de Labrousse que a segunda fase do movimento dos Annales – entre os anos 1946 e 1969 – adquiriu sua tonalidade mais específica, preparando não apenas um novo modelo para a História Econômica como também acenando para futuras assimilações do serialismo em outras modalidades historiográficas, tais como a História Demográfica

* Professor-Adjunto da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, nos cursos de Graduação e Pós-Graduação em História. Professor-Colaborador do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense.

e a História das Mentalidades. Neste artigo, pretendemos discorrer, a seu tempo, sobre o que é o “serial” e sobre o que seria o “quantitativo”, e como estas duas instâncias convergiram para oferecer à História Econômica, depois à História Demográfica, e finalmente à História das Mentalidades e outras modalidades historiográficas, uma nova abordagem que por um longo e significativo momento encantou muitos dos historiadores da sua época.

De certo modo, as realizações desta nova modalidade – a “história serial-quantitativa” – acabam quebrando a habitual cronologia do movimento dos Annales, pois temos aqui uma contribuição que é introduzida já nos primeiros Annales, intensifica-se na segunda geração (a de Braudel), e segue um pouco adiante (nos terceiros annales), até começar a declinar sensivelmente, de todo modo sem nunca desaparecer totalmente¹. Bem antes destes desdobramentos, contudo, a História Quantitativa tivera já uma história pregressa². Desde as últimas décadas do século XIX, a modalidade vinha se desenvolvendo nas mãos dos economistas, principalmente através de um campo temático específico que foi a História dos Preços³. Por outro lado, a nova Economia Histórica não teria podido se desenvolver efetivamente sem uma contribuição fundamental dos historiadores: a disponibilização de grandes massas de documentos de todos os tipos nos arquivos nacionais que foram organizados sob a sua direção. Percebe-se, deste modo, que a História Quantitativa foi um empreendimento partilhado, construído coletivamente por economistas e historiadores de vários países que interagiram em diversos momentos da história desta abordagem. Se os seus inquestionáveis pioneiros foram os ingleses e alemães, é também inegável que a nova modalidade, essencialmente interdisciplinar, apresentaria depois desdobramentos ainda mais importantes na Cliometria dos Estados Unidos e na França dos Annales. É este último desdobramento o que nos interessará neste momento⁴.

No interior da história da Escola dos Annales, a História Quantitativa terá o seu próprio ritmo e as suas próprias balizas cronológicas – quebrando-se a periodização através da qual se costuma historiar este movimento em três gerações bem definidas – isto porque, depois de emergir sob o contexto da crise econômica de 1929⁵, e acompanhar as duas gerações iniciais de annalistas (a de Bloch e a Braudel), a nova modalidade consolida-se entre os anos 1945 e 1975 (seu período áureo), para depois, a partir dos anos 1980, perder a majestade que reteve durante tantos anos no universo de metodologias praticadas pelos historiadores dos Annales e também de outras correntes historiográficas. Em compensação, uma “história serial” desligada do quantitativo começa desde os anos 1970 a se apresentar como uma das abordagens possíveis para um novo campo histórico que estava então surgindo, a

História das Mentalidades. No seio deste novo campo histórico ela terá uma vida ainda bastante ativa, mas aí já estaremos na época dos terceiros annales, que não constituirão uma das preocupações mais específicas deste artigo.

Para entender a História Serial-Quantitativa na história do movimento dos Annales devemos forçosamente nos remeter a Ernst Labrousse (1895-1988) – um historiador-economista que traz em seu acorde teórico a tríade fundamental do Materialismo Histórico, o que não o impediu de se associar ativamente ao projeto de Marc Bloch e Lucien Febvre já na primeira geração dos Annales⁶. Sua importância, contudo, vai ainda se dobrar na fase dos segundos Annales, pois nesta época, depois de Braudel, ele será o nome de maior influência, ocupando a segunda posição na hierarquia dos Annales⁷. O marco inicial de sua produção como historiador econômico que desenvolve a quantificação é a obra *Esboço do movimento dos preços na França do século XVIII* (1933), e sua maior realização *A Crise da Economia ao fim do Antigo Regime e às vésperas da Revolução* (1944). Nosso objetivo aqui será menos o de historiar a produção historiográfica de Labrousse e de outros historiadores econômicos dos Annales, do que esclarecer alguns aspectos que se relacionam às histórias Serial e Quantitativa como novas modalidades historiográficas.

A possibilidade de se estabelecer uma História Serial está relacionada a um novo conceito: o de “série”. Trata-se de considerar os documentos ou as fontes históricas não mais em sua perspectiva singular, como documento único, a ser analisado nos seus próprios limites, mas sim como partes constituintes de uma grande cadeia de fontes de mesmo tipo. A série é necessariamente formada por fontes homogêneas, comparáveis, capazes de serem apreendidas no interior de uma continuidade (seja uma continuidade temporalizada ou espacializada), e que permitam uma ‘abordagem de conjunto’ através de aportes metodológicos como a quantificação, a análise tópica, a identificação de recorrências ou mudanças de padrão no decorrer da série. O objetivo da análise de séries, neste sentido, é perceber tanto as permanências como as oscilações e variações (por exemplo, em uma determinada sequência de tempo). Não é todo o tipo de documento que se presta à quantificação ou à serialização, mas podem ser mencionadas entre as diversas fontes que se abrem a estas abordagens as listas de preços, os documentos contábeis, os documentos do fisco, os balanços financeiros, a documentação de compra e venda, os registros de alfândega, os arquivos notariais e paroquiais, os documentos do censo, a documentação judicial, as fontes cartoriais como os testamentos, certidões de nascimento e casamento, os registros de imóvel, o estabelecimento de firmas. Também os objetos de cultura material poderiam

se beneficiar de uma abordagem serial (embora não quantitativa), e ainda outros tipos de fontes, como os anúncios de um periódico ou os processos criminais. Um historiador pode serializar perfeitamente imagens (pinturas, fotografias), letras de música censuradas por um regime repressivo, e assim por diante.

Quando surgiu, a História Serial chegou a ser vista por diversos autores como uma revolução nas relações do historiador com as suas fontes, e alguns chegaram mesmo a pensar que este tipo de historiografia substituiria de todo o antigo fazer histórico tradicional⁸. Ao invés das fontes habituais que costumavam ser tomadas para uma abordagem que, em outras modalidades historiográficas, era habitualmente qualitativa, a chamada História Serial introduzia na primeira metade do século XX uma perspectiva inteiramente nova: tratava-se de constituir “séries” de fontes e de abordá-las de acordo com técnicas igualmente inéditas. Temos aqui um novo campo histórico que é definido em relação à abordagem ou ao modo de fazer a História que a perpassa, uma vez que a *História Serial* refere-se a um tipo de fontes e a um modo específico de tratamento destas mesmas fontes. Trata-se, neste caso, de abordar fontes com algum nível de homogeneidade, e que se abram para a possibilidade de quantificar ou de serializar as informações ali perceptíveis no intuito de identificar regularidades, variações, mudanças tendenciais e discrepâncias reveladoras. Em outro sentido, a História Serial também lida com a serialização de eventos ou dados, e não só com a serialização de fontes, propondo-se, neste caso, a avaliar eventos históricos de certo tipo em séries ou unidades repetitivas por determinados períodos de tempo. Para já evocar a interconexão entre História Serial e História Econômica – que foi a combinação que alçou Ernst Labrousse a uma posição de destaque no movimento dos *Annales* – podemos lembrar que se enquadram neste último caso os estudos dos ciclos econômicos, a partir, por exemplo, da análise das curvas de preços, tais como as empreendidas por Ernst Labrousse nos anos 1930 e 1940. A História Serial foi de fato um campo que se abriu como nova ‘oportunidade de saber’ a partir de uma estreita parceria com a História Econômica, e que daí se estendeu à História Demográfica e à História Social no sentido restrito, expandindo-se depois (nos terceiros *Annales*) para os estudos relacionados à História das Mentalidades.

SOBRE AS DIFERENÇAS ENTRE O SERIAL E O QUANTITATIVO

A diferença entre História Serial e História Quantitativa deve ficar clara, embora sejam muitos comuns os casos em que as duas abordagens se

superpõem para formar uma História Serial-Quantitativa⁹. A História Serial propriamente dita, conforme já foi discutido, refere-se ao uso de determinado tipo de fontes (homogêneas, do mesmo tipo, referentes a um período coerente com o problema a ser examinado), que permitam uma forma específica de tratamento historiográfico (a serialização de dados, a identificação de elementos ou ocorrências comuns que permitam a identificação de um padrão e, em contrapartida, uma atenção às diferenças, às vezes graduais, para se medir variações). Já com relação à História Quantitativa, esta deve ser definida através de outro critério, que é o seu campo de observação. O que a História Quantitativa pretende observar da realidade está atravessado pela noção de “número”, “quantidade”, valores a serem medidos. As técnicas utilizadas pela abordagem quantitativa serão estatísticas, ou baseadas na síntese de dados através de gráficos diversos e curvas de variação a serem observadas de acordo com eixos de abscissas e coordenadas. Algumas análises quantitativas mais sofisticadas poderão mesmo utilizar logaritmos, assim como recursos matemáticos avançados como integrais e derivadas. O computador, ademais, oferece aqui a ajuda imprescindível. Com relação ao tipo de fontes, conforme já foi remarcado, a História Quantitativa costuma constituir fundamentalmente “fontes seriais”.

É aqui que encontramos o ponto nodal para entender a nuance diferencial entre História Serial e História Quantitativa. A quantificação pressupõe a serialização, se não de fontes, ao menos de dados. O inverso é que não ocorre necessariamente, uma vez que é trabalhar com séries de fontes sem estar necessariamente interessado no número. O historiador, neste caso, pode estar interessado em verificar recorrências, mas não necessariamente quantidades. Foi assim que alguns historiadores ligados à História das Mentalidades, como Vovelle, posteriormente utilizariam séries de fontes nos quais se buscava perceber as recorrências e variações, mas não aspectos quantitativos. É possível, por exemplo, constituir uma série para verificar padrões iconográficos. A quantidade de documentos em que se repete um determinado padrão, ou a sua recorrência com variações mínimas, isto pode até ser contabilizado – mas como um recurso paralelo, e não necessariamente. A chave para definir uma prática como História Serial é, portanto, a busca de padrões recorrentes e variações ao longo de uma série de fontes ou materiais homogêneos, mas não necessariamente a quantidade, tal como ocorre com a História Quantitativa, ou pelo menos isto não é o principal. A “série” é o que conduz a análise do historiador na modalidade da História Serial; o “número” ou a medida é o que concentra a atenção do historiador no caso da História Quantitativa.

Exemplo de História Quantitativa “pura” é aquela que, nos anos 1950, surgiria na América do Norte a partir dos trabalhos de Simon Kuznets (1901-1985); de igual maneira, teremos também outra corrente ambientada na História Quantitativa com os trabalhos de Jean Marczewski, na França dos anos 1960¹⁰. Temos aqui modelos de História Econômica que se ocuparam em classificar ano a ano, para diversos períodos históricos, os *fluxos* – incluindo tanto as produções como os intercâmbios – e os *estoques*, com vistas a resumir a atividade econômica em seu conjunto. Neste caso, configurando uma modalidade de história econômica mais empreendida por economistas que por historiadores, o enfoque de uma e outra destas correntes voltava-se para a apreensão de aspectos como a demanda de bens e serviços, a produção interna, a receita total familiar de uma sociedade, e vários outros fatores que, aos olhos de muitos, pareciam excluir a presença mais efetiva dos homens como agentes históricos, e por isto este modelo de história econômica quantitativista recebeu críticas vindas de diversos setores historiográficos. Nos próximos parágrafos, veremos que um dos riscos que rondam certos modelos de História Econômica quantitativa é precisamente a fetichização do número, como interesse em si mesmo e por vezes desgarrado de um fundo humano e, em outros casos, de uma problematização maior.

O modelo de história econômica difundido por Ernest Labrousse na primeira geração dos *Annales* foi o de uma história quantitativa-serial que gradualmente iria ampliar seus focos temáticos. No princípio, ela conformava-se quase que exclusivamente a uma História dos Preços que, sob a motivação do contexto do craque da bolsa em 1929, valorizava o estudo da conjuntura para identificar a ruptura, o momento da crise. Com o tempo, como assinala Michel Vovelle (2011, p.277), a história quantitativa serial foi se dirigindo para outro campo de interesses: o de uma história da produção e do crescimento que teve um de seus marcos com a obra de René Baehrel (1961). Esse deslocamento temático no interior da história quantitativa-serial também possibilitou um alargamento do olhar longo ao favorecer a passagem da ênfase na conjuntura à ênfase na estrutura secular. Podemos entender essa mudança de interesses como desdobramento de um novo contexto, já que no segundo pós-guerra a economia logo passaria da crise a uma “fase de ouro”, marcada por um crescimento econômico de quase três décadas. Por fim, é também neste novo período que começa a surgir uma história serial desligada do quantitativo, o que incluiu diversas das novas pesquisas ligadas à História das Mentalidades.

RISCOS E DILEMAS DA HISTÓRIA QUANTITATIVA E DA HISTÓRIA SERIAL

Desde que se lançaram ao empreendimento da história quantitativa e da história serial, os historiadores tiveram de se por em guarda contra alguns dos vícios que podem ser decorrentes de um mau uso, ou de um uso limitado, da História Quantitativa. Podemos lembrar inicialmente que, ao empreender uma História Quantitativa, o historiador deve cuidar de não realizar uma história meramente descritiva de informações numéricas, um vício que pode ocorrer na história quantitativa aplicada à História Econômica, mas também a outras modalidades, como a História Demográfica. Quando a História Quantitativa se resume à mera exposição de quantidades ou de informações numéricas, fatalmente se transforma em uma história descritiva, não-problematizada, o que vem a ser a contrapartida, para o caso da história narrativa, daquela modalidade historiográfica do século XIX que ficou conhecida como História Factual. Assim como é passível de crítica o historiador que simplesmente se dispõe a narrar os fatos, de maneira não-problematizada, como se o importante fosse a mera descrição “dos fatos que aconteceram”, é igualmente passível de críticas descrever simplesmente os dados econômicos de certa sociedade¹¹. Este tipo de vício pode ser considerado uma espécie de fetichização da quantificação. O número, a quantificação, a descrição estatística parecem valer por si mesmos. Rigorosamente falando, é até mesmo uma ilusão acreditar que seja sequer possível expor o número como dado bruto, expressivo por si mesmo, pré-existente; isso porque, na verdade, o número é uma construção do historiador, mesmo que ele não o saiba. É a partir de uma certa concepção que ele o escolhe, define os limites no interior do qual o número aparecerá e terá validade, ordena em uma série de outros, e os expressa através de uma estratégia discursiva. Nenhuma destas operações, e tampouco outras que envolvem a construção do número, são neutras.

Um pequeno exemplo, da ordem das estratégias discursivas consoante às quais podemos expressar uma informação numérica, servirá como uma ilustração entre tantas outras que poderiam ser dadas. Suponhamos que um certo número de eleitores, no conjunto da população de um país, tenha votado em um determinado candidato. Embora todas estas formas de dizer reflitam a mesma grandeza numérica, é completamente diferente dizermos que “60% dos eleitores elegeram o candidato Lula”, ou que três em cada cinco eleitores brasileiros votaram em “Lula”. Quando nos expressamos desta segunda maneira, deixamos de utilizar esta categoria discreta e neutra que parece ser a porcentagem, e nos aproximamos do humano.

Com a segunda estratégia discursiva, esta outra maneira de expor o mesmo dado, quase imaginamos estes eleitores em sua humanidade efetiva, votando, talvez discutindo uns com os outros. Percebemo-los então como seres humanos, e não mais como um número em uma estatística. De igual modo, a forma escolhida para expressar um índice econômico, uma variação de preços, por exemplo, tenderá a produzir diferentes percepções naqueles que a recebem. Podemos expor o aumento percentual de um preço em relação ao mês anterior, ou inseri-lo em uma série que trará uma outra tábua de leituras, motivando concomitantemente outras possibilidades de reações nos receptores da informação.

Podemos comparar duas décadas em relação a algum problema econômico ou demográfico (o aumento de preços de imóveis, por exemplo, ou a migração populacional). Porque escolher duas décadas, os anos 60 e os anos 70, e não dois períodos recortados de maneira distinta (o período 1965-1974, e o período 1975-1984)? Posso discorrer, por exemplo, sobre a drástica redução na população indígena brasileira, e expor meus números. Mas como cheguei a estes números? A partir de que fontes eu os produzi? Que datas escolhi para a comparação, e porque elas? O número – o fato da história quantitativa – é definitivamente uma construção, da mesma maneira que o são os fatos da história narrativa. Há sempre um problema, uma visão de mundo, por vezes um interesse que recorta e reconstrói o fato, seja ele um fato da história política, ou um fato “quantitativo”. O fato no interior de uma série pode dizer uma coisa (chamar atenção para determinado aspecto, ou mesmo produzir determinadas expectativas), e, no interior de outra série, dizer uma outra coisa (iluminar outro aspecto, produzir outras expectativas). É por isso que o fato quantitativo isolado, como se fosse um “átomo de informação”, não tem qualquer sentido, da mesma maneira que os fatos relativos às ações humanas não são os “átomos” da história política.

Dois tipos de fetiches quantitativos rondam a História Econômica que se vale da quantificação. O primeiro deles, acima descrito, pode ser entendido como um culto à descrição quantitativa isolada de outros aspectos (o quantitativo como algo que vale por si mesmo). O segundo fetiche quantitativo decorre de um excesso de confiança na série quantitativa como fio condutor para examinar uma totalidade de aspectos. Entre 1940 e 1970, andou muito em voga essa pretensão de alcançar a totalidade a partir do exame denso de uma série, ou da análise de algo como uma curva de preços, por exemplo. Tal como assinalam João Fragoso e Manolo Florentino em um ensaio sobre a História Econômica, constituinte do livro *Domínios da História* (FLORENTINO e CARDOSO, 1998, p.32), um exemplo pode ser

dado com a já mencionada obra de Ernst Labrousse sobre o movimento dos preços – pioneira tanto no que se refere à história serial quantitativa, como no que se refere à constituição de um novo tipo de história econômica a partir do programa de ação proposto pela Escola dos Annales:

Tomemos o caso de Ernst Labrousse. Nele, por exemplo, a construção de curvas de preços não é um fim em si mesmo. Pelo contrário, trata-se de um fio condutor para a apreensão das hierarquias sociais e de suas contradições. Mais do que isto, sua obra postula que o estudo conjuntural serve para desvendar a dinâmica das estruturas, o nascimento das ideologias e de crises institucionais e, por fim, na cronologia das revoluções, o seu devir.

O igualmente fascinante e pretensioso projeto de Labrousse pode ser reverenciado como um monumental trabalho que merece ser admirado tanto pelo seu pioneirismo como pelo sistemático levantamento de informações a serem incorporadas em uma perspectiva de História Total. Labrousse afastou-se radicalmente do tipo de fetiche quantitativo que descrevemos antes – a mera exposição de grandezas numéricas e de informações obtidas a partir da serialização de dados. Por outro lado, recai em outro fetiche quantitativo, situado no extremo oposto. A série de preços é elevada à competência de dar a perceber não apenas uma determinada ordem de aspectos da vida social, como também de possibilitar a reconstituição de uma história total, bem ao estilo que se confirmaria com as primeiras gerações da Escola dos Annales¹. A partir dos anos 1970, pretensões totalizantes análogas a esta passaram a ser bastante criticadas pelas próprias novas gerações de annalistas, e também por nomes ligados a outras correntes historiográficas, e os historiadores econômicos perceberam que, ainda que a série seja um recurso eficaz para a História Econômica, não é de modo algum uma receita que resolve todos os problemas ou justifica-se por si mesma. Desde então, surgiram outras abordagens possíveis para a História Econômica, inclusive os seus possíveis diálogos com a Micro-História.

A EXPANSÃO DE TEMÁTICAS NA HISTÓRIA SERIAL-QUANTITATIVA

Ainda que o serialismo e o quantitativismo tenham seguido adiante após as duas primeiras gerações dos Annales, o período dos segundos Annales, sob a regência de Braudel e a vice-regência de Labrousse, constituiu efetivamente o grande momento da história Serial-Quantitativa. No âmbito da História Econômica, a história serial-quantitativa beneficiou-se

mesmo de uma expansão temática interna: da ‘história dos preços’, da qual partira nos primeiros Annales, ela atinge outros patamares temáticos: as relações comerciais, a produção industrial e agrícola, o movimento dos salários – nada do que era econômico lhe era estranho. Ao mesmo tempo, o modelo serial-quantitativo expandira-se desde os anos 1950 para fora da modalidade da história econômica, e já se formara uma vigorosa produção de História Demográfica. Também a História Social, em sentido estrito², recebe como novas possibilidades as abordagens serial ou serial-quantitativa, e estas já começam a ser aplicadas a problemas históricos relacionados a ambientes temáticos específicos deste campo – as revoluções e revoltas, o banditismo, a marginalidade, o desemprego e a mendicância, apenas para mencionar alguns. Breve, nos primeiros anos da próxima geração dos Annales, uma história serial (mas não mais obrigatoriamente quantitativa) alcançaria o patamar das Mentalidades, conforme depois veremos. Domínios temáticos vários também a assimilariam, tal como a História das Religiões, ou, mais propriamente ainda, a História das Práticas Religiosas³, e ainda a História da Leitura, para a qual François Furet contribuiu com uma pesquisa serial-quantitativa sobre “a alfabetização no Antigo Regime” (FURET e SACHS, 1974).

Por fim, o modelo serial-quantitativo começa a dar sinais de esgotamento na historiografia europeia produzida no decorrer dos anos 1980, e ao cabo desta década já teremos contra ela um edital dos Annales assinado por Bernard Lepetit, em nome de uma nova geração que muitos chamarão de “quartos Annales” (LEPETIT, 1989, p.319)⁴. Em outros países teria vida mais longa, e a abordagem serial-quantitativa fará ainda sucesso durante toda a década de 1980, ou mesmo durante a década de 1990, como foi o caso do Brasil. Depois, também declina, ou ao menos perde a centralidade que antes tivera em certos domínios historiográficos. Desde então, a História Quantitativa não deixa de ter conquistado um lugar perene e reconhecido no repertório de alternativas metodológicas para a História, mas sem já conseguir sustentar as pretensões de ser o grande modelo dominante.

Na França, embora isso não explique tudo, ocorreram mudanças nas práticas historiográficas institucionais que podem ter contribuído, de algum modo, para desmotivar as pesquisas quantitativas. Jacques Revel, historiador dos terceiros Annales que ainda fez pesquisa quantitativa nos anos 1980, dá-nos depoimento sobre dois ambientes institucionais distintos: o que perdurou na segunda geração dos Annales, co-extensivo até fins dos anos 1970, quando ainda eram possíveis pesquisas coletivas e no qual havia até mesmo uma certa estrutura centralizada e autoritária que impunha a

discreta exploração de auxiliares de pesquisa, e o ambiente dos anos 1980, quando isso já não parecia mais defensável:

Naquela época, François Furet e Mona Ozouf estavam terminando uma grande pesquisa sobre a alfabetização [1978], ou melhor, sobre o ensino primário, e então tivemos a ideia de lançar uma pesquisa sobre as universidades do Antigo Regime, não só na França, mas um estudo comparativo sobre os europeus. Esse levantamento foi interessante e levou bastante tempo. É que antes, até o fim dos anos 70, as pesquisas se realizavam segundo um esquema bem simples: havia um ou vários diretores de pesquisa, geralmente homens, que organizavam o trabalho, e assistentes, muitas vezes mulheres, que iam para os arquivos e levantavam os dados. Essa divisão do trabalho deixou de ser possível mais ou menos na época em que começamos. Minha geração não tinha vontade de trabalhar desse jeito, e, mesmo que quisesse, as coisas depois de 1968 não aconteciam do mesmo modo. Nossa pesquisa demorou porque nós mesmos a fizemos. [Dominique] Julia e eu levantamos em arquivos todas as 24 antigas universidades do Antigo Regime, em toda a França, e isso levou tempo! Foi a minha segunda experiência com arquivos. E foi uma das últimas grandes pesquisas de história quantitativa à francesa (Jacques Revel, *Entrevista à Revista Estudos Históricos*, 1997, p.25)⁵.

À parte as nuances institucionais – ao lado de um ambiente institucional que permitia concretizar um modelo de trabalho em equipe que já era estimulado por Febvre desde 1936⁶ – há seguramente boas razões para o sucesso de primeira hora da História Serial, e para a sua segura embora discreta permanência no circuito historiográfico depois do arrefecimento deste longo entusiasmo de muitas décadas. Além da potencialidade para estabelecer uma visão de conjunto na média duração – o tempo das conjunturas econômicas e de outros ciclos da vida social – a possibilidade de trazer à tona ‘testemunhos involuntários’ é certamente uma destas razões de sucesso. Quando um historiador, como Michel Vovelle (n.1933), percorre uma série formada por “testamentos” para verificar quantas missas desejavam para depois da morte os homens de determinadas classes sociais (1978), está apreendendo simultaneamente um padrão de mentalidade e um discurso involuntário que fala aos historiadores sobre as hierarquias sociais de uma época, sobre as pressões que pesavam no indivíduo para que este assumisse as convenções que determinam os lugares sociais. Os testamentos são discursos voluntários que se dirigem aos homens de uma época, mas, tratados serialmente, também podem falar aos historiadores como ‘discursos involuntários’ e reveladores.

Novas potencialidades e novas armadilhas, enfim, rondam a prática da História Serial. Em sua época, sob o beneplácito do próprio Lucien Febvre, foi tida por obra prima da história serial a monumental tese de Pierre Chaunu, publicada em 1959 em parceria com sua esposa Huguette Chaunu sob o título *Sevilha e o Atlântico (1504-1650)*. Hoje se critica com maior vigor este gigantesco trabalho que, para alguns dos críticos mais mordazes, mais não fez que amearhar em escala surpreendente um grande conjunto de informações e dados, quase como um análogo da antiga história factual que parecia agora retornar para realizar uma história serial-descritiva⁷. Por um caminho inesperado, a História Quantitativa – que ofereceu à História tamanha novidade – também trazia consigo novas armadilhas e perigos historiográficos⁸.

AS MENTALIDADES E O SERIALISMO

A terceira fase dos Annales assiste a uma considerável expansão das modalidades historiográficas. Na parte final deste artigo, examinaremos uma modalidade que participou com especial riqueza do universo de possibilidades proporcionado pelo serialismo: a História das Mentalidades. Ao abraçar a perspectiva teórica de que existem de fato mentalidades coletivas – isto é, longos padrões sociais de pensar e de sentir que permanecem durante um período muito extenso e que custam a se transformar ou desaparecer – o historiador que se dedica a esta linha de investigação precisou ampliar a sua concepção documental, e também o seu repertório de possibilidades metodológicas. Conforme assinala François Furet (1991, p.93), se o historiador das mentalidades pretende alcançar níveis médios de comportamento, não pode mais se satisfazer com a literatura tradicional do testemunho histórico – subjetiva, não representativa, ambígua. Assim, como veremos, ocorreu um feliz casamento entre a História das Mentalidades (campo histórico que se refere a uma ‘dimensão’) e a História Serial (campo histórico que se refere a uma ‘abordagem’). A revalidação dos estudos de natureza qualitativa, ao lado da abordagem serial, não esteve, contudo, alheia a outros historiadores das mentalidades – como é o caso de Michel Vovelle, historiador marxista das mentalidades que defende o uso das duas abordagens como igualmente válidas para captar a dimensão mental de uma sociedade (1987, p.31).

Para resumir três ordens de tratamentos metodológicos que, a partir dos anos 1970, os historiadores das mentalidades passaram a empregar na sua ânsia de captar os modos coletivos de pensar e de sentir, podemos registrar (1) a abordagem serial, (2) a eleição de um recorte privilegiado que

funcione como lugar de projeção das atitudes coletivas (uma aldeia, uma prática cultural, uma vida), ou finalmente (3) uma abordagem extensiva de fontes de naturezas diversas. Neste último caso enquadra-se *O Homem diante da Morte*, de Philippe Ariès (1977). Nesta ambiciosa obra, lança-se mão dos mais diversos tipos de fontes – desde escritos de todos os tipos (literatura, hagiografias, poemas, canções, crônicas, testemunhos anônimos) até as fontes iconográficas e os objetos da cultura material. Vovelle considera esta utilização de um universo de fontes tão heterogêneo, percorrido mais ou menos livremente por Ariès nesta obra, como uma técnica “impressionista” (1987, p.51).

O próprio Michel Vovelle, de sua parte, já utiliza a segunda ordem de procedimentos a que atrás nos referíamos: de um modo geral, prefere a abordagem serial. Sua contribuição historiográfica mais significativa situa-se precisamente na conexão entre a História Serial e a História das Mentalidades. Em sua tese sobre a *Piedade Barroca e Descristianização* (1978), Vovelle examinou com precisão e método milhares de testamentos provençais – sempre de forma maciça e procurando enxergar serialmente padrões e deslocamentos de padrões que denunciassem as variações das atitudes diante da morte na longa duração por ele escolhida. Quando examina fontes iconográficas, afasta-se da abordagem qualitativa livre para avaliar topicamente a recorrência e a ruptura de certos modos de representar, às vezes medindo espaços no interior da representação iconográfica e quantificando elementos figurativos. Se vai às fontes da cultura material, à arquitetura funerária por exemplo, faz medições das distâncias que separam túmulos e altares. Sua abordagem é portanto sistemática, cuidadosamente preocupada com a homogeneidade das fontes e com o seu lugar preciso dentro da série.

Embora não seja o assunto deste artigo dedicado às modalidades seriais e quantitativas, não podemos deixar de mencionar a derradeira ordem de tratamentos metodológicos que se aplicam à História das Mentalidades. Esta corresponde à já mencionada eleição de um recorte privilegiado que funcione como lugar de projeção das atitudes coletivas ou de padrões de sensibilidade. Podemos ter aqui um microcosmos localizado ou uma vida, desde que o autor os considere significativos para a percepção de uma mentalidade coletiva mais ampla. Lucien Febvre, precursor distante dos estudos de mentalidade, havia tentado precisamente esta via. Em sua famosa obra sobre *Rabelais*, o historiador francês se propõe – a partir da investigação de um único indivíduo – identificar as coordenadas de toda uma era (FEBVRE, 1942). A abordagem é criticada por Carlo Ginzburg – historiador mais habitualmente classificado na interconexão de uma História Cultural (dimensão)

com uma Micro-História (abordagem)⁹. Ao contrário de Febvre, Ginzburg opta por instrumentalizar o conceito de “mentalidade de classe” em sua obra *O Queijo e os Vermes* (1989, p.34). Neste último caso – para cujo estudo toma como documentação principal os “registros inquisitoriais” do processo de um moleiro italiano perseguido pela inquisição no século XVI – Ginzburg mantém-se atento à questão da ‘intertextualidade’, isto é, ao diálogo que o discurso do moleiro Menocchio estabelece implicitamente com outros textos e discursos. Desta forma, embora ambos os historiadores partam de um estudo de caso individual, a abordagem tornou-se distinta. Ressalte-se, no tratamento historiográfico levado adiante por Ginzburg, a preocupação em identificar os vários registros dialógicos presentes em uma mesma fonte – preocupação que se coaduna muito intimamente com um dos setores da chamada nova História Cultural. Assim, para além do discurso externo do próprio Menocchio, visível na superfície de suas fontes, o historiador italiano toma por objeto a multiplicidade de discursos que o constituem; e, além disso, evita a pretensão de reconstituir uma “mentalidade de época”. Sua metodologia funda-se em uma análise dialógica e intensiva da documentação. Seu enfoque, como se disse, é mais propriamente cultural.

Voltando às possibilidades seriais, podemos dizer que, ao atingir o âmbito dos estudos de mentalidades, a História Serial completou o seu grande arco de expansões. Da Economia deste a primeira fase dos Annales, até novas possibilidades como a História Demográfica na segunda fase deste movimento, ela atingia a partir dos anos 1990 um novo patamar de possibilidades, com a História das Mentalidades. Hoje, embora a história serial já não constitua mais o grande paradigma dominante da historiografia francesa, podemos dizer que ela tornou-se parte importante do repertório historiográfico do historiador contemporâneo. Conhecer-la é fundamental para a formação dos historiadores de hoje, independente dos caminhos a serem trilhados por estes historiadores.

THE SERIAL HISTORY AND QUANTITATIVE HISTORY IN THE ANNALES MOVEMENT

ABSTRACT: This article aims to examine specificities of the historiographic models of the serial history and quantitative history in the two first fazes of the Annales movement: The distinction between the serial and the quantitative, as also a reflexion about the risks and dilemmas of the serial history and the quantitative history are the subjects of this article. Considerations about the interactions between the serial history and historiographic modalities as the Economic History and the History of Mentalities also will be reported.

KEY WORDS: Annales, Serial History, Quantitative History

NOTAS

- 1 A maior parte dos autores que estudaram o movimento dos Annales costuma dividir a história deste movimento em três fases. Considera-se um período inicial, de 1929 a 1945, que é o da cooperação mais intensa entre Bloch e Febvre, e no qual o movimento dos Annales é ainda marginal às instituições historiográficas francesas (alguns autores também ressaltam uma subfase a partir de 1941, quando Marc Bloch cai na clandestinidade em função da ocupação nazista da França e Febvre passa a dirigir a Revista dos Annales sozinho). A segunda fase inicia-se em 1946, quando Febvre consegue institucionalizar o movimento, tornar a Revista dos Annales mais conhecida, e encontrar uma base institucional para os Annales na *École des Hautes Études*. Nesta fase já aparece a figura de Fernand Braudel como segundo dirigente do movimento, sendo que a partir de 1956, com a morte de Febvre, Braudel se tornará o grande dirigente dos Annales. A partir de 1969, Braudel perde o seu poder centralizador e a organização do movimento passa a ser partilhada por um grupo de novos historiadores, entre os quais Le Goff, Le Roy Ladurie, Marc Ferro, Pierre Nora e André Burguière. Em geral, considera-se que há um modelo historiográfico predominante na segunda fase, sobretudo na subfase comandada por Braudel, que é a clara preponderância da História Econômica e do modelo estrutural, enquanto que na terceira fase emergem como contribuições mais destacadas as obras de história das mentalidades e da antropologia histórica, com um declínio do projeto de realizar uma História Total que fora a marca das duas fases precedentes. A História Quantitativa, conforme veremos mais adiante, consegue atravessar todas as fases e praticamente apresenta uma cronologia própria, mostrando ritmos que acompanham de certa forma a carreira de Ernst Labrousse, que sempre comandou esta prática historiográfica no interior dos Annales.
- 2 A Quantificação Histórica começa a ser desenvolvida entre os Economistas, desde fins do século XIX, adquirindo forte impulso em 1929 diante do impacto da quebra da bolsa de valores nos Estados Unidos da América, e da necessidade de enfrentar os desafios propostos pela crise. Entre os economistas, não tem muito sentido frisar a distinção que logo faremos entre o “serial” e o “quantitativo”, uma vez que o serial-quantitativo será absorvido por estes economistas-historiadores como uma metodologia para a História Econômica feita a partir do viés da Economia. Quantificação e Serialização, entre os economistas, estarão sempre ligadas em um único movimento. Na História é que o “serial” pode se apresentar desligado do “quantitativo”, embora também frequentemente apareçam juntos.

- 3 Pierre Chaunu, um dos praticantes da serialização entre os historiadores dos Annales, assim se refere a estes primórdios, em sua monumental série *Sevilha e o Atlântico*: “de todos os ramos da História econômica, a História dos preços é, sem discussão, a que obteve, no sentido de uma História da medida, no que se refere aos Tempos Modernos e mesmo à Idade Média, os resultados mais decisivos. Foi pioneira” (CHAUNU, 1955-1960, t.I, p.28).
- 4 A expressão “história quantitativa” tem sido empregada, em alguns países, para um universo relativamente amplo de experiências que lidaram com a quantificação histórica. É o caso do Brasil, e também foi com este mesmo sentido de uma abordagem empregada em distintas correntes que Marczewski popularizou a expressão na Europa deste os anos 1960, publicando uma *Introdução à História Quantitativa* (1965). Julio Aróstegui (2006, p.165), propõe distinguir uma “História Quantitativa” – que se referiria a um modelo que “não traria outra leitura além da matemática”, e que encontraria na Cliometria dos Estados Unidos a sua maior realização – e a “História Quantificada”, na qual a explicação histórica “pode estar igualmente baseada em modelos não matemáticos”, encontrando-se aqui as experiências dos Annales, da Social History Americana e da produção polonesa que se desenvolve em torno de Witold Kula. A ideia de chamar à história econômica dos Annales de “história quantificada” é boa, pois no fundo é isto o que ela é. Mas a expressão História Quantitativa já conquistou amplamente o vocabulário historiográfico, inclusive no Brasil, e é por isto que a empregaremos sem maiores problemas.
- 5 Pierre Chaunu, em sua *História como Ciência Social* (1974), ressalta o papel que desempenhou o ambiente da crise de 1929 para o desenvolvimento de uma nova História Econômica no seio dos Annales: “As grandes obras que alimentaram toda a História econômica depois da Segunda Guerra Mundial – desde a *Esquisse* [LABROUSSE, 1933] á *Méditerranée* [BRAUDEL, 1949], passando pela Crise [LABORUSSE, 1944] – são obras pensadas, concebidas, jorradadas na atmosfera da crise de 1929 e na duração repleta de seus múltiplos prolongamentos” (CHAUNU, 1976, p.73). Quanto ao empreendimento inicial de uma História dos Preços que introduz a quantificação histórica nos Annales, o marco de referência é o artigo de Henri Hauser, escrito em 1930 para a *Revista dos Annales* (“Un Comité international d'enquete sur l'histoire des prix”, 1930, p.384-5).
- 6 Camille-Ernest Labrousse (1895-1988), historiador-economista que cedo se associou aos Annales, foi responsável por um dos conjuntos de obra mais consistentes no movimento, com destaques para a tese inaugural – *Esquisse du mouvement des prix et de revenus em France ao XVIII siècle* (1933) – e para *La crise de l'économie française à La fin de l'Ancien Regime et au début de La Révolution* (1944). Seu acorde historiográfico apresente notável coerência e persistência em quatro aspectos: o Materialismo Histórico conformou desde sempre a sua perspectiva teórica, a França dos séculos XVIII e XIX constituiu

a sua base espaço-temporal de estudos, a História Econômica foi a dimensão historiográfica da qual sempre partiu, e o quantitativismo afirmou-se como o empreendimento metodológico de toda a sua vida. Com relação a este último aspecto, foi o introdutor da utilização da abordagem estatística no movimento dos Annales, assimilando a herança do sociólogo-economista François Simiand (1873-1975), e é a Labrousse que pode ser creditado o mérito do estabelecimento e consolidação de uma História Quantitativa dos Annales, que colocou o grupo a par do que vinha sendo feito em outros setores da História Econômica e da Economia Histórica. A militância política é sem dúvida uma nota importante em seu acorde historiográfico: Labrousse oscilou na juventude entre o Partido Socialista e o Partido Comunista Francês, retornando ao primeiro em 1938, com uma participação ativa na resistência francesa durante a ocupação alemã. Entre os economistas, nele percebemos a influência de Albert Aftalion (1874-1976), e entre os historiadores, a de François Victor Aulard (1849-1928), um dos grandes especialistas na Revolução Francesa – tema caro a Labrousse.

- 7 A própria longevidade de Labrousse quebra a habitual periodização dos Annales em três fases, pois sua trajetória historiográfica produtiva as atravessa todas, até sua morte em 1988, quando já estamos prestes a assistir à formação dos quartos annales. A contribuição de Labrousse ao movimento dos Annales foi bem sintetizada por Grenier e Lepetit em um artigo de 1989 para a revista dos *Annales* – um ano de grandes balanços, e também de crises anunciadas.
- 8 Pierre Chaunu (1923-2009), historiador que intermedeia a passagem da segunda para a terceira geração dos Annales, percebe a História Econômica, na sua combinação com a História Serial, como o grande advento que introduz uma nova era historiográfica: “Historicamente, no seio da nossa muito velha disciplina, que justapõe tantos e tantos domínios cada vez mais heterogêneos, é à História Econômica que cabe o privilégio de mudar a História, de dar progressivamente origem a uma forma de história, a que chamamos serial, que sobrepõe suas próprias exigências, próximas das Ciências Sociais, às exigências sempre válidas da História tradicional” (CHAUNU, 1976, p.69). Mais adiante, Chaunu, que está escrevendo este texto em 1974 – no mesmo ano da publicação da primeira coletânea coletiva da *Nouvelle Histoire* – chega a se referir à nova historiografia dos Annales como o advento da própria história verdadeiramente científica: “A História ainda viva, a História, cujas experiências continuam alimentando nosso trabalho de pesquisa, é posterior ao início dos anos 1929-1933. Tudo o que é anterior a esse período tem valor de documento” (CHAUNU, 1976, p.72).
- 9 Com esta distinção entre o Quantitativo e o Serial também concorda Michel Vovelle, que lembra, com a História dos Preços de Labrousse, “os primeiros trunfos de uma história quantitativa que ainda não se distinguia da história serial” (VOVELLE, 2011, p.377). Ver ainda VOVELLE, 2011, p.390: “[A noção mais acolhedora da História Serial] supõe a organização no tempo das

imagens sucessivas fornecidas por um mesmo indicador, mas de modo algum obrigatoriamente mensuráveis em sua intensidade: série de visões da família contidas nos pedidos de dispensa de decretos diversos; de visões do milagre segundo os ex-votos; de visões do além segundo os retábulos representando o purgatório; de gestos da recusa ou da repressão segundo os procedimentos judiciários – um ideal que, sem rejeitar a quantificação, abre-se para novos domínios da história das mentalidades, permitindo seguir sua aventura na longa duração”.

- 10 O mais importante destes trabalhos foi “Buts et méthodes de l’histoire quantitative” (MARCZEWSKI, 1964, p.125-164). Na mesma época, Marcel Gillet também publicava *Técnicas da História Econômica* (1962).
- 11 Braudel já dizia em um artigo sobre a História dos Preços: “Uma série de preços tem certamente a sua própria realidade, todavia, não se estabelece como um fim em si mesmo” (BRAUDEL e SPOONER, 1967, p.375).
- 12 Ao contrário do quantitativismo histórico utilizado pelos economistas, que na verdade produzia uma espécie de “economia retrospectiva” (conforme expressão de VILAR, 1965), a novidade do modelo praticado e proposto por Labrousse é que ele utiliza os resultados obtidos para compor explicações não apenas referentes às instâncias econômicas, mas também relacionadas à vida social e a política. Literalmente, podemos dizer que a História Quantitativa de Labrousse é um caminho para atingir a totalidade social. A Economia e seus fatos, tratados com a abordagem quantitativa, são meios para recuperar a totalidade social.
- 13 Isto é, referimo-nos aqui à ‘história social’ definida como instância do social, no mesmo nível que as outras ‘dimensões’ (história econômica, história política, história cultural), e não a História Social no seu sentido abrangente, como maga-disciplina que abarca as demais dimensões.
- 14 Alguns exemplos de articulação entre História Serial e História da Religião são apresentados por Pierre CHAUNU no artigo intitulado “Une histoire religieuse sérielle – A propos de diocèse de la Rochelle (1648-1724) et sur quelques exemples normands” (CHAUNU, 1965).
- 15 Bernard Lepetit, neste editorial dos Annales de dezembro de 1989, parece sugerir que a História Quantitativa acabou por se perder entre procedimentos ambíguos, como o uso de indicadores “simplificados”, ou, ao contrário, a mobilização de técnicas mais sofisticadas, tais como a da análise factorial, que terminaram por recair em uma espécie de “panacéia” (LEPETIT, 1989, p.319).
- 16 Nesta mesma entrevista, Revel expõe sua transição do modelo quantitativo, que ainda professava nos anos 1970, para um modelo mais próximo da Micro-História, o qual assimilou em sua estadia na Itália: “E claro que não foi só isso. Bem antes de nós, franceses, eles [os italianos] foram sensíveis ao perigo de esgotamento do paradigma labroussiano. Foi isso que me interessou, já que eu

vinha da história social de tipo labrousiano, fora essa a minha formação. Daí a importância da minha passagem pela Itália. No meu contato com os italianos, fui levado a refletir sobre aquilo que eu fazia. Meu livro sobre as universidades, por exemplo, se situa num meio termo. É história quantitativa clássica, ao mesmo tempo em que parte dele se dedica a analisar trajetórias, redes, ou seja, algo que não mais pertence à história social clássica” (REVEL, 1997, p.130).

- 17 Febvre discorre sobre as possibilidades de desenvolvimentos de grandes projetos historiográficos em equipe em “Pour une histoire dirigée: les recherches collectives et l’avenir de l’histoire”, publicado na *Revue de Synthèse* e nos *Combates pela História* (1953, p.55-60).
- 18 Josep Fontana considera a tese de Pierre Chaunu como um “monstro armadilhado”, cuja “inutilidade desta confusão de cifras incontroladas e de retóricas gratuitas aparece hoje como evidente” (FONTANA, 2000, p.274), e acompanha A. M. Bernal em sua implacável crítica à *Sevilha e o Atlântico*, do casal Chaunu: “atrás das pretensiosas 7.800 páginas, em 12 volumes, de que consta a obra, havia na realidade uma modesta pesquisa, limitada à transcendência informativa dos conteúdos dos chamados *Libros registros de La Contratación*” (BERNAL, 1992, p.124).
- 19 Para um confronto entre a História Serial e a História Factual, ver FURET, 1976, p.61-65; e FURET, 1976, p.73-91.
- 20 A Micro-História corresponde a uma modalidade da História que procura empregar uma nova escala de observação no exame das sociedades históricas. Elegendo como campo de observação um determinado *locus* bem circunscrito – uma vida anônima, uma prática social localizada, uma comunidade – a Micro-História almeja conhecer através da gota d’água algo do oceano inteiro. Para utilizar uma metáfora comum entre os micro-historiadores, abandona-se aqui o “telescópio” em favor do “microscópio”, o olhar panorâmico e distanciado em favor do olhar detalhista e aproximador.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, P. *O homem diante da Morte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. 2 vol [original: 1977].
- BAEHREL, R. *Une croissance: La Basse Provence depuis La fin Du XV siècle jusque à la veille de la Révolution*. Paris: SEVPEN, 1961.
- BRAUDEL, F. *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico*. São Paulo: Martins Fontes, 1984 [original: 1949, revisto em 1965].
- CHAUNU, P. e CHAUNU, H. *Seville et l’Atlantique (1504-1650)*. Paris, 1960-1965.
- FEBVRE, L. «Pour une histoire dirigée: les recherches collectives et l’avenir de l’histoire» In: *Combats pour l’Histoire*. Paris: A. Colin, 1953. p.55-60 [original: 1936].

FEBVRE, L. *Le problème de l'incroyance au XVI siècle – La Religion de Rabelais*. Paris: A. Michel, 1968 [original: 1942].

FLORENTINO, Manolo e FRAGOSO, João. “A História Econômica: Balanço e Perspectivas Recentes”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion. *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FONTANA, J. *Historia dos Homens*. Bauru: EDUSC, 2000.

FURET, F. *A Oficina da História*. Lisboa: Gradiva, 1991 [original: 1982].

FURET, F. e SACHS, W. La croissance de l'alphabétisation en France (XVIII-XX siècles). *Annales ESC*. nº3, mai-jun 1974.

GINZBURG Carlo. *O Queijo e os Vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989 [original: 1976].

LABROUSSE, E. *Esquisse du mouvement de prix et de revenus en France au XVIII siècle*. Paris: Librairie Dalloz, 1933.

LABROUSSE, E. *La crise de l'économie française à la fin d'Ancient Régime et au début de la Revolution*. Paris: PUF, 1944.

LEPETIT, B. Tentons l'expérience. *Annales E.S.C.*, Paris, 44, nº6, p.1323-1327, nov./dez 1989.

MARCZEWSKI, J. *Introduction à l'Histoire Quantitative*. Genève: Droz, 1965.

REVEL, J. Entrevista. *Estudos Históricos* nº19, p.121-140, 1997.

VOVELLE, M. “História e Longa Duração” In: NOVAIS e SILVA (orgs.). *Nova História em perspectiva*. São Paulo: Cosac & Naify, 2011. p.371-407 [original: 1978].

VOVELLE, M. *Piété baroque et déchristianisation, les attitudes devant la mort en Provence au XVIII siècle*. Paris: Seuil, 1978.

VOVELLE, M. “A história das mentalidades na encruzilhada de fontes” In: *Ideologias e mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 1987. p.27-102.